IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

INTERSECÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE AILTON KRENAK E O PENSAMENTO DE ARTISTAS NEGRAS NA MÚSICA BRASILEIRA

Eixo Temático 28 – NARRATIVAS, GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO: ENCONTROS INSURGENTES

Michele Doris Castro [1]

RESUMO

Em sua obra, Ailton Krenak coloca-se como aprendiz da natureza, mostrando como a cultura ocidental, ao separar o homem da natureza e criar o antropoceno branco, inaugura um paradigma explicativo não apenas altamente caótico, mas destruidor da natureza e de si próprio, produzindo uma falsa verdade de supremacia do homem branco, a qual se esfarela a olhos vistos na precariedade deste mundo. Do mesmo modo, no campo da música, artistas negras vêm produzindo epistemes alternativas que não só ultrapassam a racionalidade colonial moderna, como também combinam novas experiências sensoriais e formas de existência que convergem com a produção de sujeitos mais livres e éticos, tornando a natureza, a ancestralidade e o afeto centrais na produção de novas relações integradas entre humanos e natureza. Neste trabalho, analisam-se interlocuções entre o repertório de cantoras negras e os livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *Futuro ancestral* (2022), *A vida não é útil* (2020) e *O amanhã não está à venda* (2020), de Ailton Krenak.

Palavras-chave: Epistemes alternativas; Natureza; Cantoras negras; Ailton Krenak.

INTRODUÇÃO

As discussões trazidas ao longo deste texto ancoram-se na perspectiva dos Estudos Culturais pós-críticos e das relações de gênero e raça na educação, cabendo algumas considerações iniciais de Stuart Hall (1997), que ressalta a importância do cultural como forma de representação e significação. Para ele, por meio da cultura, questões e tensionamentos do presente são problematizados, e são movidas resistências dos grupos minorizados, que passam a construir novas "questões de conhecimento e conceitualização" para o mundo.

---

[1]Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de pesquisa Educação, sexualidade e Relações de Gênero, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Professora dos cursos técnicos e tecnológicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS), Campus Veranópolis. michele.castro@veranopolis.ifrs.edu.br

Assim, a cultura não apenas compõe a sociedade, mas também se coloca como forma de produção de sentidos e novas terminologias. Um exemplo seriam os debates lançados pelas populações e associações indígenas sobre os limites e o reducionismo do conceito "índio" para a representação da diversidade e multiplicidade das etnias e culturas indígenas.

No final da década de 70, em plena ditadura civil-militar, surgiam no país novas lideranças indígenas, que começaram a ganhar destaque como representantes do grupo. Um desse líderes é Ailton Krenak, que se tornou conhecido no Brasil e internacionalmente em sua luta por reconhecimento dos direitos indígenas, demarcação de seus territórios e garantia de respeito à diversidade cultural e étnica dos povos indígenas, causas que somente após a Constituição Federal de 1988 foram legalmente asseguradas.

Também artistas negras, como Clara Nunes (1942-1983), Elza Soares (1930-2022) e Leci Brandão (1944), não se furtaram em trazer seus entendimentos da temática indígena e suas preocupações com as consequências da exploração desenfreada do solo e da natureza. Em seu repertório musical no período, incluíram canções que se colocavam em relação de amizade com as pautas dos povos originários.

Neste trabalho, analisa-se como essas artistas, a partir de suas músicas e do cruzamento com o conhecimento africano, produzem novas formas de entendimento do homem e da natureza, as quais dialogam com os conceitos vindos do mundo indígena. Essas mulheres mobilizaram a ancestralidade, o afeto e o sensorial como meios de invenção de novos sentidos para a existência, o que, mais do que nunca, se mostra urgente, em face de inúmeros fenômenos climáticos extremos em diversas partes do globo, como as enchentes no Rio Grande do Sul e na Alemanha, os incêndios na Califórnia e o derretimento das geleiras na Groenlândia, entre tantos outros exemplos.

Ailton Krenak e suas cartografias para o mundo

Do objeto-sim resplandecente descerá o índio
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará
Não sei dizer assim de um modo explícito
(...)
E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio
(Um índio, Caetano Veloso, 1976).

A epígrafe, embora ainda carregue a palavra "índio", atualmente em desuso pelo entendimento de sua incapacidade de abranger a pluralidade das culturas ameríndias, remete ao período da própria composição, final da década de 1970, período no qual essa compreensão ainda não era consenso. Naquela época, Ailton Krenak iniciava sua trajetória de intenso comprometimento com a defesa das questões indígenas e de pessoas não indígenas que dependiam do extrativismo e da pesca para sobrevivência – os "povos da floresta". Como liderança, Krenak passa a ser conhecido não só no Brasil, mas em vários países do globo, sobretudo após 1987.

No famoso dia 4 de setembro de 1987, enquanto discursava no plenário do Congresso Nacional vestido com um terno branco, a liderança indígena pintou seu rosto de preto com pasta de jenipapo, em sinal de luto pelo retrocesso dos direitos dos indígenas na legislação nacional. Seu trabalho com outras lideranças indígenas e não indígenas junto aos parlamentares foi fundamental, ao longo dos 20 meses da Constituinte, para o reconhecimento das questões indígenas. A nova Constituição, promulgada em 5 de outubro de 1988, marcou o retorno da democracia ao país e pela primeira vez reconheceu, oficialmente, a pluralidade étnica, o direito à autodeterminação dos povos, o usufruto da terra e a demarcação dos territórios tradicionalmente ocupados.

Atuando contra a ocupação ilegal das terras (indígenas e quilombolas) e a violência infligida a essas populações, Krenak esteve à frente também de movimentos indígenas, como Aliança dos Povos da Floresta (1987) e União das Nações Indígenas (1988). Seu trabalho conjunto com Chico Mendes (1944-1987)[2] e com os povos da floresta também resultou na criação do conceito de florestania, em substituição ao de cidadania, o qual teria permitido a exploração do natural e a elevação do urbano.

Outro ponto de destaque aparece no campo intelectual, onde os livros de Krenak apresentam alertas da sabedoria indígena sobre as consequências da poluição e de alterações artificiais nos leitos e cursos dos rios, ações que estariam atingindo diretamente populações próximas às águas e, indiretamente, todas as pessoas. O autor também aponta a extração de minérios no subsolo, como nas terras indígenas em Minas Gerais (aldeias Krenak) e em outras regiões do país, processo que estaria contaminando não somente o solo, mas também peixes e pessoas, por acúmulo de resíduos tóxicos.

[2] Chico Mendes (1944-1988) foi assassinado em 22 de dezembro de 1988 em Xapuri, no Acre, por Darly e Darci Alves Pereira, assassinos confessos.

Para Krenak, a cultura ocidental teria operado o humano da natureza ao forjar a criação da categoria humanidade como negação do natural. Dessa forma, teríamos passado a perceber a natureza como recurso a ser explorado, e não como parte de nossa organicidade. Essa concepção, além de ser frágil e insustentável, estaria levando ao esgotamento do planeta:

> Os humanos estão aceitando a humilhante condição de consumir a Terra. Os orixás, assim como os ancestrais indígenas e de outras tradições, instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência. O capitalismo quer um mundo triste e monótono em que operamos como robôs, e não podemos aceitar isso (Krenak, 2022, p.38).

Como possibilidade para um novo mundo, Krenak propõe olhar e ouvir com atenção o que dizem os povos e culturas classificados como sub-humanidade – ribeirinhos, indígenas, quilombolas e grupos marginalizados que, por serem "demasiadamente" agarrados à terra, teriam as respostas para o adiamento do fim da existência humana. Segundo ele, seriam esses grupos, cujo pensamento não proibiu o sonho e a imaginação, os mais habilitados a construir outras formas de existência coletiva e integrada à natureza, as quais trariam novas cartografias ou "camadas de mundo", que ampliam as narrativas e compreensões sobre a natureza e o humano. As cartografias seriam "tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação" (Krenak, 2022, p. 32), possibilitando outros entendimentos para a existência, em sintonia com o múltiplo. O autor argumenta que essas culturas ainda viveriam na imanência, encontrando satisfação no presente, e não esperando o eterno futuro. Por isso, pede atenção para as narrativas e formas de experienciar o mundo que trazem.

O filósofo explica que, para as culturas indígenas, os rios podem ser compreendidos como corpos ancestrais que já habitavam o planeta antes do humano, condição que necessariamente os leva a saber mais que os homens e a guardar as memórias e os segredos da existência. Vistos como entidades ancestrais que devem ser ouvidas com atenção ao ensinarem e compartilharem seus conhecimentos, os rios são, eles mesmos, saberes profundos que permitem "sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia" (Krenak, 2022, p.11).

Ao refletir sobre o êxodo rural no Brasil, Krenak conclui que isso teria fomentado a miséria. As populações originais, as quais na visão utilitarista seriam consideradas vidas não lucrativas, passariam a ser expulsas de seus territórios e empurradas para as periferias das grandes cidades (Krenak, 2020). O que teria impossibilitado o prosseguimento das antigas formas coletivas de vida, baseadas no respeito ao natural. Resultando no aceleramento do processo de degradação ambiental das cidades.

Para as pessoas que residem nas cidades recomenda a destruição do cimento e do asfalto cinzento, para que, junto com as águas, possam voltar a caminhar livremente pelos espaços

privatizados. Ele questiona se seriam mesmo limpas e bonitas as cidades, mas sujos e feios os locais onde ainda se pisa na terra, ou se essa seria apenas uma concepção mal formulada de limpeza, a qual denomina, ironicamente, de sanitária (Krenak, 2019). Por fim, ressalta a importância das micropolíticas, como a permacultura e as plantações em espaços pequenos, como modos de resistência ao capital vindos do urbano, com vistas a romper com a ideia de cidadania exploratória, que encerra as pessoas na condição de consumidores.

A produção da natureza na obra de cantoras negras

Como referido ao longo do texto, enquanto os movimentos indígenas do final da década de 1970 e do início da seguinte começam a se expressar no Brasil, artistas negras também registram seu olhar sobre as pautas indígenas, inserindo-se em espaços de reivindicação, como reuniões e passeatas. Além disso, para seus repertórios musicais, escolhiam canções que não só chamavam a atenção para a preservação ambiental e o direito à terra, como também alertavam para as consequências futuras da exploração do meio ambiente. Em sintonia com os indígenas, falavam sobre as violências do Estado contra esses grupos e sobre a necessidade de deslocar a centralidade do humano no entendimento da vida. Algumas artistas negras colocam-se ao lado dos indígenas e dos povos da floresta ao compreenderem e valorizarem os saberes vindos do som do vento, do canto das florestas, do chiado das pedras, etc.

No ano de 1977, Clara Nunes escolhe a música *As forças da natureza*, composta por João Nogueira (1941-2000) e Paulo César Pinheiro (1945), como faixa principal que dá nome ao seu álbum. Clara Nunes é uma das raras artistas a lançarem, na época, um disco por ano, e suas declarações públicas atingiam diretamente a população brasileira (Bruno, 2021).

Afirmando-se como mulher negra de pele clara, o que não raro era negado por seus interlocutores, que tentavam identificá-la como mulher branca, a cantora marcava seu orgulho étnico e religioso ao afirmar ser filha de Ogum com Iansã. Em suas canções, Clara Nunes popularizou o candomblé no Brasil, chamando atenção para a existência de outras formas de religiosidade no país, em um contexto em que ser "cristão e católico" era uma forma de "ascensão" para a branquitude, em que se passava de um "*status* (religioso) adscrito para um *status* (religioso) adquirido" (Pierucci, 2006, p. 115).

A canção de 1977, tematizando a ciência moderna e as cidades, reflete sobre a insuficiência e brevidade das invenções humanas, que, além de não terem explicações para todos os problemas, seriam frágeis perante a sábia natureza mãe. Estrofes como "*se derramar*

em toda sua essência, desafiando o poder da ciência" e "*Os palácios vão desabar/sob a força de um temporal*" mostram a falibilidade dessas criações.

Outro exemplo, a canção *Natureza*, composta por Rosinha de Valença para o polêmico álbum de Leci Brandão, *Metades* (1978), questiona a possibilidade de a medicina curar as doenças. Na canção, é afirmado que somente a natureza pode dar segurança para o fim dos males que atormentam o corpo. São trechos como "*a mágica, erva que cura*" e "*eu quero essa poeira/limpando meu corpo feliz*" que mostram a inferioridade do campo médico e a força das práticas curativas da natureza. Outro tema da canção é o valor estético atribuído à poeira, a qual somente poderia ser suja do ponto de vista médico, que teria associado a doença à poeira e o corpo ao pecado.

Dois anos mais tarde, Leci lançava a música autoral *Nas águas do Rio Negro*, para o álbum *Essa tal criatura.* Por contemplar amplamente a temática aqui tratada, tomo a liberdade de transcrevê-la na íntegra e de sublinhar alguns pontos que julgo importantes.

> No Amazonas, numa tarde mais que amena
> Nas águas do Rio Negro eu me senti tão pequena
> Como esse rio é grande, como essa selva é grande
> Como essa terra é grande, mas tão querendo comprá-la
> Como esse rio é grande, como essa selva é grande
> Como essa terra é grande, mas tão querendo comprá-la
> Gente que vive do barco e do peixe
> Que vive pedindo que a deixe livre sobreviver
> Olha um homem entrando na mata
> E um índio clamando: não bata, moço quero viver
> Como esse índio é grande, como essa gente é grande
> Como essa mata é grande mas tão querendo tomá-la
> Como esse índio é grande, como essa gente é grande
> Como essa mata é grande, mas tão querendo tomá-la
> No Amazonas, numa tarde mais que amena
> Nas águas do Rio Negro eu me senti tão pequena
> Como esse rio é grande, como essa selva é grande
> (Brandão, Leci. Nas águas do Rio Negro, 1980)

Nas estrofes acima, a artista evidencia a moralidade e o conhecimento das populações indígenas e ribeirinhas, em sua grandeza pela proximidade com a natureza. Ao seguirem as leis da natureza, esses grupos colocar-se-iam em mesmo nível de sabedoria e grandeza desta, diferentemente das populações urbanas, as quais já estariam influenciadas pelos interesses e ignorância do capital.

Em *Rainha dos Sete Mares*, de Alfredo Silva, que integra o álbum *Lição de Vida*, de 1976, da cantora e compositora Elza Soares, Iemanjá (a mãe das águas) é representada como força da natureza. A entidade é descrita como aquela que controla as águas do mar: "*Iemanjá, esplendor da natureza*, *ela é quem comanda o mar com sua graça e beleza*".

O poder transformativo e curativo das águas está também na carreira da artista no álbum mais recente, *Deusa e mulher*, de 2018, com a música *Banho*, escrita por Tulipa Ruiz. Na letra, a água surge em suas múltiplas formas, assumindo-se "salgada e doce, rio e maré". Essas alterações, além de amenizarem e diluírem as dores da vida, atuando como práticas curativas, possibilitam que o choro se transforme em alegria: "*dissolvo o pranto com a minha baba*". Por outro lado, permitem entender que o causador de um sofrimento será também, ele mesmo, vítima de um sofrimento maior no futuro: "*eu vou pingar em quem até já me cuspiu, viu?*". Isso impõe à existência o dever e o cuidado ético contínuo para que se evite o sofrimento pessoal, em um ato de responsabilidade para com o coletivo, princípio compartilhado entre as epistemologias negras e indígenas – quem faz o mal, por ele também será atingido.

Confluências e alianças afetivas entre as ideias de Ailton Krenak e a música produzida por artistas negras no Brasil

Segundo Stuart Hall (1997), desde o século XX as novas tecnologias e a globalização aumentaram a importância da cultura na vida das pessoas e organização das sociedades. Ao atravessar e movimentar todos os domínios do cotidiano; tanto como forma de produção quanto contestação das regras e valores. O que coloca a cultura como compreensão aprofundada do social, para além das concepções marxistas, as quais seriam reducionistas à medida que privilegiam a ideologia e o conflito de classes. Para ele,

> Sem sombra de dúvida, o domínio constituído pelas atividades, instituições e práticas culturais expandiu-se para além do conhecido. Ao mesmo tempo, a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais (Hall, p.17, 1997).

Seguindo, esta interpretação, entende-se que as canções produzidas por artistas negras brasileiras podem ser entendidas como formas de produção e contestação da realidade. Bem como de confluências com as epistemologias indígenas possibilitam a construção de novas formas de entendimento e realização da vida por meio da arte. Nêgo Bispo, de quem empresto, assim como Krenak, o conceito de confluências, explica que estas podem ser consideradas como "[...] a energia que está nos movendo para o compartilhamento [...]. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende" (Bispo, 2023, p.16). Portanto, a confluência permitiria não o desligamento ou a desconexão das diferentes culturas, mas a sinergia e o afetamento por sua aproximação. Onde

saberes, cosmologias e formas de vida ligadas aos diferentes povos e culturas colocam-se em sinergia para a construção de alternativas melhores.

Krenak, ao desenvolver o conceito de aliança afetiva, diz que ela "pressupõe afetos entre mundos não iguais" e atende à possibilidade de formação de fluxos capazes de produzir "afetos e sentidos" entre diferentes culturas (Krenak, 2022, p. 82). Dessa forma, entendo que, em suas canções, as artistas negras mencionadas desenvolvem epistemes em aliança afetiva e confluência com o indígena. Isso me leva também a concluir que essas artistas negras, a partir do campo musical, elaboram racionalidades que ultrapassam as impostas pelo caminho moderno, ao desacordarem juízos e percepções não compreendidas na racionalidade hegemônica. Por intermédio da experiência estética e das experiências sensoriais produzidas pelas canções, novos conhecimentos integram-se, a partir da arte, ancestralidade e natureza, levando a outras camadas de histórias e experiências.

Nas culturas indígenas e africanas, o rio é velho porque sabe e aparece como possibilidade de transformação e apaziguamento ao entregar um pedaço de sua sabedoria a quem com ele compartilha sua vida. Nas canções *Nas águas do Rio Negro* (1980) e *Banho* (2018), o poder curativo das águas e do feminino, simbolizado por orixás e caboclos, retoma a centralidade da natureza e das mulheres em relação ao conhecimento. No caso das últimas, a negação do conhecimento popular e a construção do entendimento de superioridade do conhecimento médico fizeram com que as mulheres fossem destituídas de seus saberes milenares, os quais passaram para a ilegalidade (Telles, 2021), diferentemente das cosmologias indígenas e afro-brasileiras, em que as mulheres são a própria natureza e as que anunciam o futuro.

O feminino aparece também na menção a orixás e símbolos indígenas, como na canção *Rainha dos Sete Mares* (1976), em que Iemanjá é reverenciada. No que concerne às cosmologias de origem africana, o feminino liga-se "às grandes águas, mães dos deuses, dos homens e dos peixes, aquela que garante o equilíbrio emocional e a loucura"; responsável tanto pelas águas doces quanto pelas salgadas, Iemanjá representa "nossas mães ancestrais, donas do conhecimento e senhoras do feitiço, representantes da ancestralidade feminina da humanidade, as nossas mães feiticeiras", aquelas que curam (Prandi, 2001, p.22).

Nos 30 anos que antecederam a década de 1980, a intensa propaganda e as políticas estatais favoráveis à implantação da indústria levaram ao êxodo da população que antes se estabelecia majoritariamente nas zonas rurais. No caso dos indígenas, no período ditatorial, a expulsão das terras aumentou vertiginosamente. Tais fatores, adicionados, levaram à inversão da pirâmide populacional em 1985, quando os habitantes das cidades passaram a representar

mais de 70% da população total do país (Alves; Marra, 2009) – pessoas que acabaram empobrecendo e se aglutinando nas periferias das grandes cidades brasileiras.

O fim do urbano e o retorno da paisagem natural, cantados por Clara Nunes (1977), apontam o endeusamento das cidades, em uma crítica ao espaço urbano frágil e de breve duração. A natureza, por sua vez, mostra-se pronta para retomar seu espaço, ocupado pelo urbano: *"o esplendor da mata vai renascer e o ar de novo vai ser natural/ vai florir/cada grande cidade o mato vai cobrir*", colorindo novamente a paisagem, que estava cinza e triste.

Considerações finais

Dados divulgados pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon, 2009), que acompanha a linha de destruição e ocupação da Amazônia, dão conta de que, em 1978, após anos de incentivo à ocupação e destruição da floresta, a área desmatada chegava a 14 milhões de hectares. Pode-se perceber que essa situação se conecta às preocupações das artistas com problemas do período, como se vê, por exemplo, no álbum de Leci de 1980.

No meu entender, as artistas negras e o pensamento de Krenak colocam-se em sinergia e confluência com as questões indígenas, ao trazerem concepções e epistemologias com a proposta de outra relação do homem consigo e com a natureza. Mais ainda, contribuem para um novo início para este mundo, onde o sonho e o encantamento sejam "paraquedas coloridos", metáfora do pensador indígena para experiências que levem a outros caminhos possíveis.

REFERÊNCIAS

ALVES, E.; MARRA, R. A persistente migração rural-urbana. In: **Revista de Política Agrícola**, Brasília, DF, v. 8, n. 4, out./dez., p. 5-17, 2009.

BISPO DOS SANTOS, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 24 jan. 2025.

BRUNO. Leonardo. **Canto de rainhas:** o poder das mulheres que escreveram a história do samba. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2021.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022.** Disponível em:< https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 25 de jan. 2024.

IMAZON. A Amazônia em números. *In*: Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia. Disponível em:<https://imazon.org.br/imprensa/a-amazonia-em-numeros/#:~:text=A%20Amaz%C3%B4nia%20Legal%20abriga%2012,chegando%20a%2024%25%20em%201999.>. Acesso em jan. de 2025.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Religião como solvente: uma aula. *In*: **Revista Novos Estudos,** n. 75, julho de 2006. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/nec/a/sppGWNSmKdp6RfpbPPVMmPN/abstract/?lang=pt>. Acesso em 25 de jan. de 2025.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**.1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

___ Ailton. **A vida não é útil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
___ Ailton. **O amanhã não está à venda**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
___ Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
TELLES, Norma. **Ronda das Feiticeiras**. Belo Horizonte: 3ª Ed. Lua, 2021.